



**PROF HISTÓRIA**  
MESTRADO PROFISSIONAL  
EM ENSINO DE HISTÓRIA

# EXAME NACIONAL DE ACESSO 2023

## Prova Objetiva

## Prova Discursiva

Este caderno, com dezesseis páginas, contém uma Prova Objetiva, com vinte questões de múltipla escolha, e uma Prova Discursiva, com uma questão. Além deste caderno, você está recebendo, também, um Cartão de Respostas e uma Folha de Resposta para desenvolver o tema proposto para a Prova Discursiva.

Não abra o caderno antes de receber autorização.

### Instruções

1. Verifique se seus dados pessoais, bem como a instituição escolhida por você, estão corretos no Cartão de Respostas e na Folha de Resposta da Prova Discursiva. Se houver erro, notifique o fiscal.
2. Assine o Cartão de Respostas com caneta. Além de sua assinatura, da transcrição da frase e da marcação das respostas, nada mais deve ser escrito ou registrado no cartão, que não pode ser dobrado, amassado, rasurado ou manchado.
3. Ao receber autorização para abrir este caderno, verifique se a impressão, a paginação e a numeração das questões estão corretas. Caso observe qualquer erro, notifique o fiscal.
4. Leia com atenção as questões e escolha a alternativa que melhor responde a cada uma delas. Marque sua resposta cobrindo totalmente o espaço que corresponde à letra a ser assinalada.
5. Não assine nem escreva seu nome na Folha de Resposta da Prova Discursiva.
6. Use apenas caneta de corpo transparente, azul ou preta, no Cartão de Respostas e na Folha de Resposta.
7. Ao terminar, entregue ao fiscal este caderno, o Cartão de Respostas e a Folha de Resposta.

### Informações Gerais

O tempo disponível para fazer as provas é de quatro horas. Nada mais poderá ser registrado após esse tempo.

Nas salas de prova, os/as candidatos/as não poderão usar relógio e boné ou similares, nem portar arma de fogo, fumar e utilizar corretores ortográficos e canetas de material não transparente.

Será eliminado do Exame Nacional de Acesso 2023 o/a candidato/a que, durante a prova, utilizar qualquer meio de obtenção de informações, eletrônico ou não.

Será também eliminado o/a candidato/a que se ausentar da sala levando consigo qualquer material de prova.

**Boa prova!**

## Questão 01



Foto do santuário Zé Pelintra

odia.ig.com.br

Os zeladores do santuário de Zé Pelintra, no bairro da Lapa, no Rio de Janeiro, calculam que houve 22 ataques em quatro anos — cinco desses episódios foram registrados em delegacias. As imagens de Zé Pelintra foram quebradas, incendiadas e sujas de tinta. O muro já foi pichado diversas vezes, com inscrições como “vai cair”, “foi marretado, avisei” e “macumba, não”.

Quem passa pelo santuário consegue reconhecer quem é representado nas esculturas: o chapéu Panamá, o terno e os sapatos brancos com acessórios vermelhos formam a indumentária clássica de Zé Pelintra, uma das entidades afro-brasileiras.

Adaptado de tab.uol.com.br, 07/07/2022.

Os ataques relatados violam o seguinte princípio que deve ser promovido no ensino de História:

- (A) igualdade jurídica
- (B) tolerância religiosa
- (C) liberdade individual
- (D) propriedade privada

## Questão 02

Existem, em nossa sociedade, espaços sociais nos quais o negro transita desde criança, em que representações reforçam estereótipos e intensificam as experiências do negro com o seu cabelo e o seu corpo. Um deles é a escola. Se antes a aparência da criança negra, com sua cabeleira crespa, solta e despenteada, era algo comum entre a vizinhança e coleguinhas negros, com a entrada para a escola essa situação muda. A escola impõe padrões de currículo, de conhecimento, de comportamentos e também de estética. Para estar dentro da escola, é preciso apresentar-se fisicamente dentro de um padrão, uniformizar-se. A exigência de cuidar da aparência é reiterada, e os argumentos para tal nem sempre apresentam um conteúdo racial explícito. Existe, no interior do espaço escolar, uma determinada representação do que é ser negro, presente nos livros didáticos, nos discursos, nas relações pedagógicas, nos cartazes afixados nos murais da escola, nas relações professor/a e aluno/a e dos/as alunos/as entre si.

Adaptado de GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? *Revista Brasileira de Educação*, 2002. anped.org.br

As tensões entre culturas escolares e saberes corpóreos, tematizadas por Nilma Lino Gomes, incidem nas identidades das crianças negras por meio do seguinte processo:

- (A) inclusão
- (B) ritualização
- (C) diversificação
- (D) homogeneização

## Questão 03

### Texto 1

Por causa da legislação que perdoa crimes no período militar, apenas casos que envolviam pessoas mais conhecidas foram investigados, mesmo que superficialmente, como as mortes do jornalista Vladimir Herzog e do político Rubens Paiva. Em 2008, um promotor italiano, Giancarlo Capaldo, apurou casos de cidadãos daquele país mortos em regimes de exceção na América Latina, cinco deles no Brasil. E, em 2011, a Corte Interamericana de Direitos Humanos condenou o Brasil por não investigar crimes da ditadura.

Adaptado de dw.com, 17/08/2018.

### Texto 2

O governo chileno de Gabriel Boric pôs em marcha um plano para buscar os desaparecidos durante a ditadura de Augusto Pinochet (1973-1990), iniciada após um golpe que depôs Salvador Allende em 11 de setembro de 1973, data que completa 50 anos no ano que vem. A iniciativa, que busca pôr fim a uma das maiores dívidas da democracia chilena, não é a única na América Latina para manter viva a lembrança sobre as violações de direitos humanos durante regimes autoritários da região.

Adaptado de extra.globo.com, 14/06/2022.

Os eventos narrados no texto 1 e no texto 2 representam, respectivamente, os seguintes usos políticos da memória:

- (A) versões em conflito e anistia
- (B) discursos em disputa e reconciliação
- (C) estratégia de silenciamento e reparação
- (D) desprezo pelo passado e esquecimento

## Questão 04

As razões por que, como professores, contamos uma história, razões que não são exclusivamente nossas, orientam a busca da “especiaria alheia”, as escolhas que fazemos dos textos que se nos oferecem. Uma *seleção* que começa a dar movimento à relação entre os textos historiográficos disponíveis e a aula de História em processo de produção, de modo a ser ensinada e aprendida. Um movimento que se distingue, no fundamental, por ser um *processo de tradução*, no qual aquele que traduz(/lê) mais do que nunca se apresenta como um traidor — “tradutor, traidor” — porque a “especiaria alheia”, em uma inversão instigante, está sendo temperada “com o molho de sua fábrica”.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. “Mas não somente assim!”. *Tempo*, Niterói, 2007.

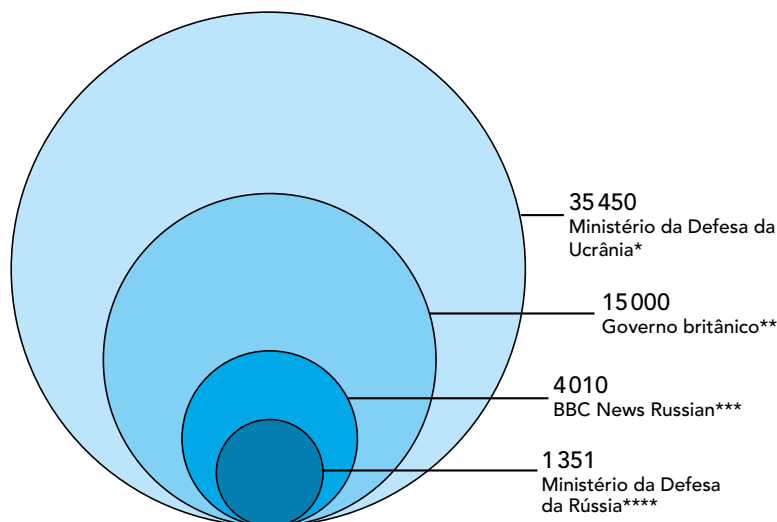
A partir do exposto por Ilmar Mattos, é possível estabelecer uma relação entre as práticas de produção de conhecimento resultantes da docência e da pesquisa em História.

Uma característica comum a essas práticas é:

- (A) condição autoral
- (B) subordinação curricular
- (C) transmissão conteudista
- (D) hierarquização acadêmica

## Questão 05

### Guerra da Ucrânia: mortes de militares russos desde 24 de fevereiro de 2022



Dados de \*27/06, \*\*25/04, \*\*\*24/06, \*\*\*\*25/03

Fontes: Ministério da Defesa da Ucrânia, Governo do Reino Unido, BBC News Russian, Ministério da Defesa da Rússia

Adaptado de [bbc.com](https://www.bbc.com), 04/07/2022.

A partir do gráfico, uma professora de História explicaria as variações nos dados utilizando a noção de:

- (A) batalha de narrativas
- (B) multiplicidade de arquivos
- (C) dissenso de interpretações
- (D) divergência de metodologias

## Questão 06

A Meta concordou em pagar uma multa de US\$ 115 mil (R\$ 589 mil) depois de uma denúncia de que a empresa teria violado o Fair Housing Act, lei que proíbe discriminação por parte de proprietários e empresas imobiliárias. Uma ação movida no Tribunal Distrital dos E.U.A. para o Distrito Sul de Nova York dizia que um algoritmo para anúncios de casas determina quais usuários do Facebook recebem as propagandas baseado em características selecionadas pelo anunciante, incluindo raça, sexo e religião.

Adaptado de [folha.uol.com.br](https://folha.uol.com.br), 22/06/2022.

Considerando o funcionamento das mídias sociais apontado na reportagem, um desafio colocado para o ensino de História é a identificação de:

- (A) falsidade de notícias
- (B) uniformização de dados
- (C) reprodução de preconceitos
- (D) imparcialidade de resultados

## Questão 07

Para atender a habilidade da BNCC de história do 7º ano do Ensino Fundamental, uma professora escolheu um trecho de entrevista do artista Denilson Baniwa, uma de suas obras e a obra de Rugendas que lhe serviu de referência.

### HABILIDADES BNCC

(EF07HI09) Analisar os diferentes impactos da conquista europeia da América para as populações ameríndias e identificar as formas de resistência.

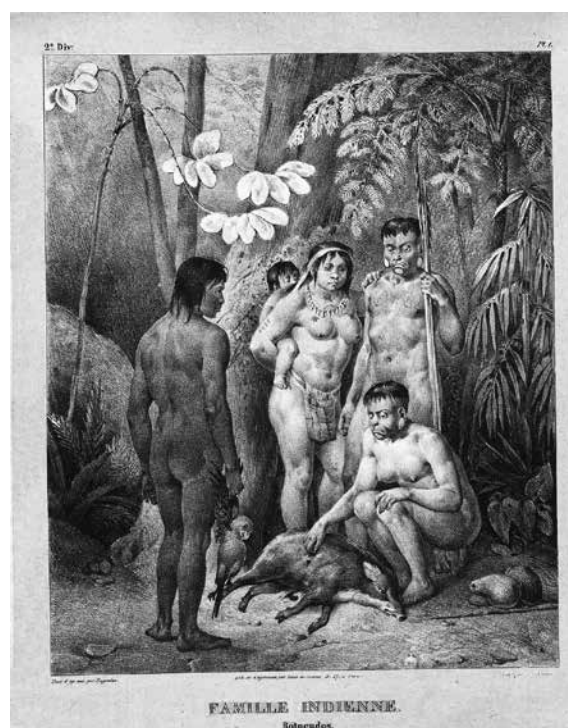
basenacionalcomum.mec.gov.br

Denilson Baniwa — que se considera um artista antropófago, pois se apropria de linguagens ocidentais para descolonizá-las em sua obra — afirma: “como indígena, eu estou pensando muito mais nos milhares de anos de presença da arte indígena no território brasileiro”. Ele lembra que esse apagamento ainda tem reflexos nos dias de hoje, sem que haja uma contrapartida suficiente para a sua compensação.

Adaptado de ufmg.br, 28/07/2021.



Tudo é gente, de Denilson Baniwa, 2020.  
premiopipa.com



Família indígena: botocudos, de J. M. Rugendas, 1835.  
bdlb.bn.gov.br

A escolha das imagens e o uso da entrevista indicam a construção de uma aula com o objetivo de:

- (A) valorizar a agência de povos originários
- (B) ressaltar a herança de protagonistas brancos
- (C) restaurar o significado de patrimônios naturais
- (D) enaltecer a veracidade de produções culturais

## Questão 08

Os dados apresentados por uma pesquisa de Milton Duarte (2011) reforçam a tese de que a música, em ambiente escolar, é importante aliada dos professores em busca de um ensino de História mais criativo e que se utilize de diferentes fontes e recursos didáticos. Porém, as conclusões de Duarte ainda nos remetem a uma dicotomia nesses processos: sabe-se que os alunos “gostam” de música, então levamos música para as aulas; no entanto, não buscamos vínculos entre as formas como os alunos ouvem as músicas e as possibilidades de interpretação da história que as músicas nos fornecem. O que temos identificado, em linhas gerais, é que nas pesquisas de ensino de História há consenso de que a música não é apenas uma boa fonte de análise, mas também um importante recurso didático para estimular e incentivar os alunos durante as aulas. Ocorre que, em muitas situações, tanto a cultura musical dos alunos quanto as relações de sentido que eles estabelecem com as músicas não são consideradas.

Adaptado de SOARES, Olavo Pereira. A música nas aulas de História: o debate teórico sobre as metodologias de ensino. *História Hoje*, 2017.  
rhhj.anpuh.org

De acordo com o texto, para além de recurso didático e documento histórico, o uso da música em sala de aula também teria o objetivo pedagógico de:

- (A) prescrever conteúdos
- (B) mobilizar subjetividades
- (C) promover memorização
- (D) determinar identidades

## Questão 09

### **Pandemia se diferenciou por provocar maior inatividade entre mulheres, negros e jovens**

Segundo a pesquisadora Joana Simões Costa, a pandemia e o distanciamento social afetaram principalmente ocupações em que o tipo de trabalho não poderia ser realizado a distância: “Essencialmente, as pessoas que estavam na informalidade foram as que mais perderam seus postos de trabalho. Como sabemos, grupos como os jovens, as mulheres e os negros apresentam maior taxa de informalidade, o que significa que foram os grupos mais vulneráveis à crise”.

Adaptado de portalantigo.ipea.gov.br, 09/08/2022.

A hierarquia social retratada evidencia que mulheres e negros, junto com jovens, foram os grupos sociais mais afetados pela pandemia.

Para compreender os marcadores sociais da diferença apontados pela pesquisadora, um conceito a ser abordado no ensino de História é:

- (A) identitarismo
- (B) multiculturalismo
- (C) representatividade
- (D) interseccionalidade



## Questão 10



### Jô Soares e Capitão Gay peitaram a homofobia muito antes da Marvel

Se hoje em dia a diversidade pauta boa parte dos filmes e séries que estreiam por aí, nos anos 1980 ninguém estava muito interessado no assunto. Ou quase. Jô Soares, falecido aos 84 anos, era parte do seletivo grupo que já naquele tempo pensava em colorir a televisão, mesmo que à moda de um homem cisgênero e heterossexual. Criado há 40 anos, o Capitão Gay era um super-herói homossexual, um “defensor das minorias, contra as tiranias”, que aparecia para combater

os crimes e as injustiças para os quais “não havia um homem nem uma mulher para resolver”.

Hoje, sua contribuição para a luta LGBTQIA+ é certamente discutível, mas no Brasil dos anos 1980 — década em que a epidemia de Aids espalhou desinformação, em que ondas de homicídios de gays e travestis tomaram capitais e em que reportagens de tevê registraram gente dizendo que “tem mais é que assassinar mesmo” —, o Capitão Gay levou a muitas famílias brasileiras o seu primeiro contato claro com a homossexualidade.

O tom político era sutil? Muito. Ajudou a colar no imaginário popular um só tipo de homem gay? Com certeza. Fazia humor em cima de um grupo marginalizado? Claro. Esses exageros todos eram usados pelo Capitão Gay justamente para chocar os vilões — e, por tabela, os espectadores — com a diversidade de um novo tempo, para dizer que tudo bem ser gay.

LEONARDO SANCHEZ

Adaptado de [www1.folha.uol.com.br](http://www1.folha.uol.com.br), 06/08/2022.

O entendimento apresentado sobre o personagem criado há quarenta anos se baseia na seguinte estratégia para compreensão do passado:

- (A) reparação
- (B) anacronismo
- (C) negacionismo
- (D) contextualização

## Questão 11

“Passados Presentes” é um projeto que disponibiliza, a partir de um aplicativo para celular, quatro roteiros que conduzem visitantes para locais emblemáticos para o tráfico negreiro e a história da escravidão no Brasil, como o Quilombo do Bracuí, o Quilombo de São José, a cidade de Pinheiral e o Centro do Rio de Janeiro. Para cada um dos roteiros, há uma exposição permanente sobre a história e cultura locais. Nos quilombos e na cidade de Pinheiral, em parceria com as historiadoras Hebe Mattos, Martha Abreu e Keila Grinberg, os logradouros foram identificados pelos moradores descendentes diretos da última geração de africanos. São eles que contam a história local a partir do que ouviram de seus pais e avós.

Adaptado de [passadospresentes.com.br](http://passadospresentes.com.br).

O projeto “Passados Presentes” é um exemplo de produção histórica cujo objetivo é:

- (A) representar identidades fixas
- (B) estimular saberes padronizados
- (C) fortalecer memórias compartilhadas
- (D) promover narrativas monumentalizadas

## Questão 12

## Texto 1

**Áudios do Superior Tribunal Militar, divulgados pelo historiador Carlos Fico, mostram tortura na ditadura**

Em um dos trechos dos áudios, o ministro Waldemar Torres da Costa debate o tema durante sessão: “Quando as torturas são alegadas e, às vezes, impossíveis de ser provadas, mas atribuídas a autoridades policiais, eu confesso que começo a acreditar nessas torturas porque já há precedente.”

No dia 24 de junho de 1977, o general Rodrigo Octávio Jordão Ramos fala: “Fato mais grave suscita exame, quando alguns réus trazem aos autos acusações referentes a tortura e sevícias das mais requintadas.”

Adaptado de [correiobrasiliense.com.br](http://correiobrasiliense.com.br), 17/04/2022.

## Texto 2

**O ensino da ditadura civil-militar no tempo presente**

O destaque conferido pelos professores às experiências da tortura nos permite uma aproximação com suas concepções de direitos humanos e democracia. Num país como o Brasil, no qual as agressões praticadas por agentes públicos são recorrentes e incidem principalmente sobre os setores mais pobres e as populações negras, não é de estranhar a opção feita pelos docentes por materiais que enfocam as práticas de tortura como mecanismo para relacionar passado e presente e desenvolver discussões voltadas para o fortalecimento dos direitos civis. Todavia, é necessário ressaltar que o contato de estudantes com relatos de tortura não garante automaticamente a condenação a essa prática, o que demanda uma análise particular sobre como tais documentos devem e podem ser trabalhados no ensino de História, considerando a sensibilidade de alunos e das pessoas cujas experiências de sofrimento são compartilhadas.

Adaptado de CARVALHO, Alessandra. O ensino da ditadura civil-militar no tempo presente pelo olhar dos professores mestres do ProfHistória. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, 2021. [revistas.udesc.br](http://revistas.udesc.br)

A história da Ditadura Militar (1964-1985) é objeto de intensas disputas no tempo presente.

Com base no texto 2, o uso em sala de aula de documentos, como o citado no texto 1, tem a seguinte finalidade:

- (A) ratificar a inserção social da mídia digital
- (B) promover a reflexão crítica da violência estatal
- (C) cercear a circulação ampla de processos judiciais
- (D) controlar o reconhecimento político de memórias coletivas



## Questão 13

Em certa medida é esse o grande desafio — o que guardar e o que esquecer — que nos é apresentado para refletir acerca do currículo em sua perspectiva real. É sobre escolhas daquilo que é substancial como projeto de tempo presente e futuro que pensamos quando tomamos decisões acerca do currículo. Sobre esse desafio, Ivor Goodson nos incita a pensar a respeito da necessidade de mudarmos “de um currículo prescritivo para um currículo como identidade narrativa; de uma aprendizagem cognitiva prescrita, para uma aprendizagem narrativa de gerenciamento da vida”.

Afinal, é de saberes, mas sobretudo de sensibilidades, que falamos quando imaginamos um professor em processo de formação, elegendo suas vivências como um lugar plausível para se exercitar o pensamento quanto à presença de marcas do Tempo e do humano no mundo.

Adaptado de MIRANDA, Sônia Regina. Formação de professores e ensino de História em limiares de memórias, saberes e sensibilidades. *História Hoje*, 2013. [rhj.anpuh.org](http://rhj.anpuh.org)

Diante das prescrições curriculares, a autora aponta para uma postura docente que valoriza o seguinte princípio:

- (A) dimensão experiencial
- (B) racionalidade prática
- (C) competência técnica
- (D) neutralidade política

## Questão 14

A holandesa Indy Mellink, graduada em psicologia forense, de 23 anos, criou um baralho sem gênero. As imagens do Rei, Rainha e Valete foram substituídas por ouro, prata e bronze. Incentivada pelo pai, Mellink decidiu que era hora de romper com a tradição secular de desigualdade sexual em baralhos de cartas que colocam os homens acima das mulheres. “Se temos essa hierarquia de que o Rei vale mais do que a Rainha, essa desigualdade sutil influencia as pessoas em sua vida diária, porque é apenas outra maneira de dizer *ei, você é menos importante*. Mesmo desigualdades sutis como essa desempenham um grande papel”, disse ela em entrevista à agência britânica Reuters.



Adaptado de [f5.folha.uol.com.br](http://f5.folha.uol.com.br), 04/07/2022.

A iniciativa descrita aponta para o seguinte processo de construção e reconhecimento de identidades:

- (A) superação das normas jurídicas
- (B) reiteração das distinções biológicas
- (C) desnaturalização das relações sociais
- (D) reafirmação das determinações culturais

## Questão 15

Gostaria de argumentar que a historiografia poderia ampliar suas funções tradicionais ligadas às expectativas de “aprender com a história” a partir das representações privilegiadas dos historiadores para se tornar também um espaço de acolhimento, amplificação e crítica das mais variadas apresentações históricas produzidas pelos atores sociais.

Assim como hoje o ensino de História não pode ser resumido à ideia de transposição de um conhecimento disciplinar para o espaço escolar, também a relação com demandas e produção social de histórias não será atendida apenas pelas práticas de divulgação científica, embora elas sejam fundamentais. Deve-se partir do reconhecimento dos múltiplos sujeitos e suas produções locais, surgindo daí mais a imagem de uma circulação do que a de uma difusão para auditórios cada vez mais amplos.

Adaptado de ARAÚJO, Valdei. O direito à história: o(a) historiador(a) como curador(a) de uma experiência histórica socialmente distribuída. In GUIMARÃES, Géssica, BRUNO, Leonardo e PEREZ, Rodrigo. *Conversas sobre o Brasil: ensaios de crítica histórica*. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

No fragmento, o autor propõe uma reflexão acerca da produção historiográfica, acadêmica e escolar. Essa reflexão se baseia na seguinte premissa:

- (A) valorização de saberes plurais
- (B) criação de abordagens didáticas
- (C) transmissão de pesquisas autorais
- (D) consolidação de pertencimentos nacionais

## Questão 16

É impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder. Existe uma palavra em igbo na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo: *nkali*. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer “ser maior do que outro”. Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de *nkali*: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder. O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas também de fazer que ela seja sua história definitiva. O poeta palestino Mourid Barghouti escreveu que, se você quiser espoliar um povo, a maneira mais simples é contar a história dele e começar com “em segundo lugar”. Comece a história com as flechas dos indígenas americanos, e não com a chegada dos britânicos, e a história será completamente diferente. Comece a história com o fracasso do Estado africano, e a história será completamente diferente.

Adaptado de ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

A escritora Chimamanda Adichie alerta para os impactos da relação entre história e poder.

Na perspectiva de uma instrumentalização política, a disseminação de histórias únicas produz o seguinte impacto:

- (A) inclusão cultural
- (B) dominação colonial
- (C) heterogeneidade racial
- (D) pertencimento ancestral

## Questão 17

### Pode-se melhorar o ontem?



Meu ponto de partida é a premissa de que todo conhecimento histórico desempenha uma função de orientação. Tanto a ciência da História quanto a memória cultural compartilham os mesmos critérios que exercem mediação entre experiência e significado; sem eles, não é possível interpretar a experiência histórica. Uma vez interpretado, o passado ganha, portanto, o *status* de uma história para o presente. Uma vez carregado de significado para o presente por meio da interpretação, o passado torna-se uma referência apta para orientar o agir e o sofrer humanos.

Adaptado de RÜSEN, Jörn. Pode-se melhorar o ontem? Sobre a transformação do passado em história. In SALOMON, Marlon (org.). *História, verdade e tempo*. Chapecó: Argos, 2011.

A tirinha e o texto apresentam relações entre temporalidades e vida prática.

As ideias expostas sobre futuro e presente, explicitadas pelo historiador Jörn Rüsen, estão indicadas, respectivamente, em:

- (A) inércia e evolução
- (B) expectativa e intervenção
- (C) acomodação e eternização
- (D) abrandamento e paralisação

## Questão 18

Eu fico pensando na importância de registrar as histórias, a importância de registrar esses momentos em que as pessoas, em que nós estamos vivendo, essa pandemia, porque talvez historicamente as populações que sofreram processos de dominação ou os coletivos que ainda hoje sofrem processos de exclusão por quaisquer que sejam os motivos, talvez o que sustente esses grupos emocionalmente é a possibilidade da fala, é a possibilidade de contar, a possibilidade de narração. Eu acredito que você contar a sua vivência é um processo de terapia e um processo de cura.

CONCEIÇÃO EVARISTO

Adaptado de entrevista ao site [memoriapopulardapandemia.org.br](http://memoriapopulardapandemia.org.br).

A partir da fala da escritora Conceição Evaristo, a importância do ato de narrar vivências históricas está associada à ideia de:

- (A) dado revelado
- (B) versão definitiva
- (C) interpretação livre
- (D) construção plurivocal

## Questão 19

Nesses poucos segundos de eternidade, 76 mil downloads ilegais já foram feitos ao redor do mundo, 360 raios atingiram a Terra, 18 pessoas morreram de fome, 250 bebês nasceram, e eu já recebi 21 novos *e-mails*. Vivemos conectados em redes, celulares, computadores, *Facebooks*, *Twitters*, *conference calls*... Ansiosos pela próxima notícia, compartilhamos nossa privacidade em redes sociais e, de uma máquina para outra, transformamos nossa vida numa *live broadcast*. 24 horas por dia, 7 dias por semana, nossa identidade se multiplica, nos fragmentamos sem poder desligar.

Adaptado de QUANTO tempo o tempo tem. Direção: Adriana Dutra e Walter Carvalho. Netflix, 2015.

A percepção do tempo e a concepção de História são caracterizadas no trecho do documentário, respectivamente, como:

- (A) cíclica e moderna
- (B) linear e tradicional
- (C) acelerada e presentista
- (D) teleológica e progressiva

## Questão 20

Em entrevista à revista *Ecoa*, ao ser indagado sobre a possibilidade de uma conciliação do modo de trabalho capitalista com os modos de trabalho indígenas, o escritor Daniel Munduruku declarou: “Não é impossível, mas são visões completamente diferentes. Um indígena pode até aceitar trabalhar de carteira assinada, se tornar um bem-sucedido trabalhador da construção civil ou advogado, mas com certeza lá no interior dele vai ter sempre um incômodo de não poder fazer aquilo que ele realmente gostaria. Essa é uma das características da educação indígena, que a gente perde quando entra nesse mundo maluco da cidade. A gente perde a noção de que o tempo é nosso. O tempo não é do outro, não é do relógio — é seu. O indígena que tem um trabalho comandado pelo relógio de ponto de uma empresa vai sempre ter um vazio dentro dele, porque não existe realização quando se é escravo, mesmo que seja das horas.”

Adaptado de uol.com.br, 08/08/2021.

Em sua resposta à entrevista, Daniel Munduruku critica a seguinte compreensão do tempo:

- (A) periodização relacionada ao ciclo natural
- (B) aferição vinculada à cosmologia primitiva
- (C) segmentação associada ao saber experiencial
- (D) medição subordinada à produtividade econômica

## Prova Discursiva

Memórias da plantação examina a atemporalidade do racismo cotidiano. A combinação dessas duas palavras, “plantação” e “memórias”, descreve o racismo cotidiano não apenas como a reencarnação do passado colonial, mas também como uma realidade traumática, que tem sido negligenciada. É um choque violento que de repente coloca o sujeito negro em uma cena colonial na qual, como no cenário de uma plantação, ele é aprisionado como a/o “Outra/o” subordinado e exótico. De repente, o passado vem a coincidir com o presente, e o presente é vivenciado como se o sujeito negro estivesse naquele passado agonizante. Parece, portanto, que o trauma de pessoas negras provém não apenas de eventos de base familiar, mas sim do traumatizante contato com a violenta barbaridade do mundo branco, que é a irracionalidade do racismo que nos coloca sempre como a/o “Outra/o”, como o diferente, como incompatível, como conflitante, como estranha/o e incomum.

Adaptado de KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

A partir das considerações de Grada Kilomba, escolha uma das temáticas apresentadas a seguir e desenvolva uma proposição de aula de História que vise à promoção de uma educação antirracista.

### Temática 01 Cultura e religiosidade



Quando a escola de samba Acadêmicos do Grande Rio foi sagrada campeã do Carnaval do Rio de Janeiro com um enredo que exaltou Exu (em iorubá, Èṣù), um dos principais orixás do candomblé e da umbanda, o babalorixá Sidnei Nogueira celebrou com seus mais de 75 mil seguidores no Instagram. “O carnaval deste ano foi uma resposta contra o racismo religioso”, postou.

Não demorou muito para que os ataques de fundamentalistas religiosos começassem. “Uma pessoa chegou a falar que eu tenho sangue nas mãos. Que eu matei a menina que morreu em um acidente com um carro alegórico. Como uma pessoa pode fazer essa associação?”, comentou em entrevista poucos dias após o desfile. Assim como ele, outras lideranças de religiões de matriz africana relataram ataques virtuais desde o desfile da Grande Rio, que pretendia desmistificar a imagem da divindade africana, demonizada por grupos fundamentalistas cristãos no Brasil. “Exu é vida. Não é o demônio,” explica Sidnei Nogueira, que também é professor e doutor em Semiótica pela Universidade de São Paulo.

Adaptado de [apublica.org](http://apublica.org), 30/04/2022.

## Temática 02

## Protagonismos negros na História do Brasil

O documentário “AmarElo — É Tudo Pra Ontem”, sobre o rapper Emicida, com direção de Fred Ouro Preto, ultrapassa as barreiras.

Dividido em três atos (plantar, regar e colher), resgata cenas de bastidores e a apresentação do artista no lançamento do álbum “AmarElo” no Theatro Municipal de São Paulo, no final de 2019, além de imagens do início de sua carreira ainda nas rinhas de MCs e arquivos de momentos históricos do país. É uma verdadeira aula de História sobre a luta do movimento negro por visibilidade. O filme mostra, por exemplo, como é possível entender o samba e a relação do gênero com a Semana de Arte Moderna de 1922.

Apesar dos importantes nomes da cultura brasileira, como Fernanda Montenegro, Zeca Pagodinho, Pablio Vittar, são destaques em “AmarElo” as personalidades negras. Muitas delas, que marcaram época, são desconhecidas dos jovens que acompanham a carreira de Emicida. Leci Brandão, Tebas, Lélia Gonzalez, Ruth de Souza, Abdias Nascimento, Marielle Franco ilustram a luta do movimento negro no Brasil.

O documentário coroa a trajetória bem elaborada do álbum e deveria ser obrigatório nas aulas de História das escolas brasileiras.



adorocinema.com

Adaptado de cultura.uol.com.br, 08/12/2020.

Para a proposição da aula, os seguintes elementos devem ser apresentados nos espaços especificados na Folha de Resposta:

- temática escolhida;
- ano de escolaridade escolhido;
- título da aula;
- problematização da temática e objetivos (7 a 15 linhas);
- procedimentos e recursos didáticos a serem utilizados (2 a 5 linhas);
- desenvolvimento dos conceitos e conteúdos a partir da problematização (10 a 25 linhas);
- atividade de avaliação de aprendizagem (3 a 5 linhas).

No item “problematização da temática e objetivos”, devem ser indicadas as relações entre o texto de Grada Kilomba e a aula proposta.

Não serão corrigidas respostas organizadas em tópicos, escritas de forma esquemática, que não atendam aos limites mínimos e máximos de linhas e que contenham qualquer tipo de identificação. Suas respostas deverão ser redigidas de acordo com a norma-padrão da língua.







PROF **HISTÓRIA**

MESTRADO PROFISSIONAL  
EM ENSINO DE HISTÓRIA